



ANÁLISE RELIGIOSA E CULTURAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA ATUALIDADE

George Silva¹

Sayonara Figueirôa Bezerra de Melo²

RESUMO

Resultantes da luta dos escravos de origem africana no Brasil por sua liberdade, as comunidades quilombolas guardam em si uma riqueza cultural de suma importância para o nosso país. Outrossim, este artigo visa analisar a situação de alguns quilombos remanescentes de Pernambuco, ressaltar suas características, os projetos realizados para a preservação da sua história e sua religiosidade no século XXI. No período colonial brasileiro, ainda na primeira metade do século XVI, foi introduzido o cultivo de cana-de-açúcar pelos portugueses com a utilizada a mão-de-obra indígena e negra, nos engenhos. A venda do escravo africano foi mais incentivada do que a escravização do índio, dentre outros fatores, por se tornar lucrativa. No entanto, devido aos maus tratos e trabalhos excessivos, muitos fugiam e buscavam refúgio nas matas. O Quilombo de Palmares, o mais conhecido, foi formado, inicialmente, por Zumbi dos Palmares e seus companheiros e se transformou numa opção para muitos cativos que ansiavam por mudar sua situação miserável. Com o tempo, surgiram outros quilombos, que costumavam abrigar não só negros, mas também índios. Através de pesquisas baseadas em artigos, livros e na internet, foi possível descobrir que mesmo tendo sofrido muitas violências, por representarem uma ameaça, especialmente aos grandes senhores, ainda existem, hoje, mais de duas mil comunidades quilombolas, além de fatores como sua educação, saúde, o modo de vida de seus membros e o que vem sendo feito para resguardar sua identidade.

Palavras-chave: preservação, projetos, identidade, História

ABSTRAT

Arising in the fight of slaves of African origin in Brazil for their freedom, the marron communities keep itself a cultural richness of paramount importance to our country. Furthermore, this paper aims to analyze the situation of some remnants of Quilombo in Pernambuco, emphasize its features, the projects undertaken for the preservation of its history and religiosity in the twenty-first century. In the Brazilian colonial period, in the first half of the sixteenth century, was introduced the cultivation of sugarcane by the Portuguese with the manpower indigenous and black, in the mills. The sale of the African slave was more encouraged than the enslavement of Indians, among other factors, to the enslavement of Indians, among other factors, to become profitable. However, due to ill-treatment and excessive work, many escaped and sought refuge in the woods. The Quilombo of Palmares, the best know, was formed initially by Zumbi dos Palmares and his companions and became an option for many captives who were eager to change their miserable situation. Over time, there were other quilombos, which used to house not only blacks, but also Indians. Through research-based article, books an the Internet, it was possible to discover that not having undergone many forms of violence, because they represent a threat, especially to the great masters, there are now more than two thousand maroon communities, as well as factors such as their education health, the livelihood of its members and what is being done to protect his identity.

¹ Graduando em História pela Universidade Católica de Pernambuco; geoatla@hotmail.com

² Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco; sayonara.fbm@hotmail.com





Keywords: preservation, design, identity, history

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são uma herança viva da história brasileira, da fuga dos escravos negros e indígenas dos maus-tratos e agressões de uma sociedade hipócrita e desigual. É claro que o fator “desigualdade” não acabou, ele continua presente, embora tenham se passado tantos anos, contudo, hoje, os moradores dessas comunidades não têm mais de fugir e se esconder, não têm mais de temer a morte e os fragelos corporais de outrora.

A história da nossa pátria não foi construída somente de fatos heróicos, de homens letrados lutando mais pelos seus próprios benefícios do que pelos dos demais, mas, teve também muito de seu alicerce construído por mãos escravas, mãos de homens e mulheres que lutavam, forçados, por causas alheias, nas plantações. Sem elas, sendo obrigadas a ajudar a desenvolver a nossa economia, o Brasil, não teria tido seus tempos de glória e não teria chegado até aqui. Pode parecer, quem sabe aos olhos de países mais desenvolvidos ou até de cidadãos brasileiros, que ainda somos e temos pouco, no entanto, para um país jovem como o nosso, caminhamos a passos largos e, desde o tempo dos engenhos, estamos em processo de crescimento. Um processo demorado e trabalhoso, mas concreto. Um processo que é mais construído pelas mãos dos que realmente fazem do que por aquelas dos que somente dão ordens. Estas pessoas merecem, no mínimo, o nosso respeito.

Diante disso, com o simples objetivo de analisar e apresentar a situação atual das comunidades quilombolas, tanto na sua cultura como na religião, esse artigo visa abordar as características e informações básicas de algumas comunidades remanescentes no país, bem como algumas propostas governamentais que estão sendo implementados para a preservação e manutenção destas comunidades, inclusive com relação ao desenvolvimento turístico, focalizando algumas aspectos da vida cotidiana e seus costumes religiosos.

1. ORIGEM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

As primeiras comunidades quilombolas remontam à época da União Ibérica, da união de Portugal e Espanha, de 1580 a 1640, época em que Pernambuco ainda era chamado de

Capitania. Quilombos são comunidades formadas por escravos fugitivos, geralmente de engenhos de cana-de-açúcar, fazendas e pequenas propriedades. Seus habitantes, chamados de quilombolas eram, em sua maioria, negros de origem africana, mas também havia entre eles índios que foram escravizados.

As invasões holandesas do Brasil (1624-1625 e 1630-1654) foram de grande auxílio para a fuga de muitos escravos. Enquanto os senhores e seus empregados estavam mais preocupados em defender suas terras dos holandeses, muitos escravos aproveitavam estes momentos de distração para fugir para as matas e lá conseguiam se esconder. Geralmente, plantavam, milho, mandioca, banana, laranja e cana-de-açúcar. A caça, pesca e coleta de frutas completava sua alimentação.

Não se sabe muito da organização política dessas comunidades, mas, seus moradores viviam da caça, pesca e plantação. Muitos colocavam índios para trabalhar e vigiar as redondezas dos quilombos. Os excedentes das plantações podiam ser comercializados com as populações vizinhas. Em muitos momentos, os quilombolas não eram de todo pacíficos, muitos invadiam e saqueavam pequenas propriedades, causando medo e sendo considerados como perigosos. Não raro, membros da comunidade eram mortos.

Com a expulsão dos holandeses na região Nordeste do Brasil, as perseguições aos quilombolas foram acentuadas, uma vez que faltava mão-de-obra nas lavouras e nos engenhos e o escravo era uma peça muito cara no mercado.

O quilombo mais famoso foi o de Palmares, com o líder Zumbi dos Palmares. Ele surge no século XVII, em plena explosão das invasões holandesas e perdura por cerca de um século. Zumbi, um escravo fugitivo, junto aos seus companheiros, foi o fundador do quilombo e este serviu como referência para muitos escravos que almejavam a liberdade. Os ataques a palmares aumentaram após a invasão holandesa, quando os grandes proprietários puderam baixar um pouco a guarda e se deram conta de que faltava mão-de-obra em seus engenhos e fazendas.

Palmares teve uma prosperidade assustadora para muitos senhores e o governo colonial foi obrigado a agir, tomando providências. Foram enviadas expedições para destruir o quilombo e recapturar escravos fugitivos. Muitas destas investidas fracassaram. Assim, o governador e Capitão-general da capitania de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, contratou o Domingos Jorge Velho (um bandeirante) e Bernardo Vieira de Melo (Capitão-mor) para destruir o quilombo.



Os quilombolas de Palmares estavam bem armados e tinham uma excelente tática de defesa. Não foi fácil vencê-los. Somente com a captura de Antônio Soares isso foi possível. Ele revelou onde se encontrava o esconderijo de Zumbi em troca de sua liberdade. Zumbi dos Palmares foi morto em uma emboscada e teve sua cabeça cortada e exposta em praça pública na cidade de Recife para servir de exemplo a outros escravos. Com a morte de seu líder, o quilombo não resistiu.

A maior contradição dos quilombos é o fato de ter havido escravidão mesmo dentro de muitos deles. O próprio Zumbi tinha seus escravos particulares e outros que cuidavam de suas plantações e segurança. A desigualdade continuou. O sonho de liberdade teve suas falhas.

2. ORIGEM DO NOME

A palavra "Quilombo" tem origem africana. Vem dos termos "kilombo" ou "ochilombo". Na África, significava apenas um lugar de descanso utilizado por viajantes ou nômades deslocamento. Podia significar também um local de parada para caravanas que comercializavam escravos ou outros produtos de valor. No Brasil, o quilombo passou a ser sinônimo de refúgio, um lugar seguro e afastado da vida desgraçada de escravo, um lugar onde os escravos imaginavam encontrar a tão sonhada liberdade. Quilombolas era a denominação dada aos moradores dos quilombos.

3. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL HOJE

Atualmente, sabemos que existem, aproximadamente, três mil comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil. Porém, o governo só oficializou cerca de 5% delas. Há estudos de várias universidades do país mesmo encontrando informações de que possa chegar a seis a sete mil comunidades em torno do país.

Apenas três estados federativos não comprovaram ainda existência dos quilombolas: Distrito Federal (DF), Acre (AC) e Roraima (RO). Maranhão possui a maior quantidade registrada até hoje, chegando a quase setecentas unidades, seguido de Bahia, Pará, Minas Gerais e Pernambuco.

Algumas comunidades ainda vivem bastante isoladas dos grandes centros urbanos, mas outras se tornaram mais sociáveis, como Ivaporunduva. E, a maioria delas usa como base econômica a agricultura e o comércio dos produtos excedentes, assim como faziam na época de sua formação, plantando e vendendo, principalmente, verduras, algumas frutas regionais e legumes.

Outras possuem parceria com governos locais e empresas e produzem objetos de arte para o turismo, além de fazerem apresentações de dança e música tanto para a divulgação de sua cultura, quanto para o apoio para o desenvolvimento da sua comunidade. A vida nas comunidades quilombolas não é de todo fácil, muito pelo contrário, ainda falta muito para os moradores destas localidades.

4. RELIGIÃO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Nas comunidades quilombolas, hoje, existem três religiões predominantes: o catolicismo, o candomblé e o evangelismo. Algumas possuem apenas uma religião, porém, o mais comum é que, numa mesma comunidade, predominem duas ou três religiões diferentes.

Embora o candomblé tenha sido mal visto pela sociedade e, em especial, pela igreja católica, comparando-o sempre a uma prática pecadora e desrespeitosa a Deus e, muitas vezes, ainda hoje o seja, a maioria das comunidades quilombolas foi e ainda é adepta desta prática religiosa.

4.1. COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SUTIL E SANTA

Nas Comunidades Quilombolas de Sutil e Santa Cruz, localizadas na microrregião de Ponta Grossa, uma das microrregiões do estado brasileiro do Paraná e que faz parte da mesorregião Centro Oriental Paranaense, existem basicamente duas religiões: o catolicismo e o candomblé.

As festividades religiosas ainda hoje envolvem toda a comunidade. Nestas comunidades, a principal das principais festas religiosas são as comemorações do Espírito Santo. Embora o catolicismo seja predominante, o Candomblé, também é praticado. As comunidades também utilizavam ervas e faziam benzimentos para curas.

4.2. QUILOMBO DE SÃO MIGUEL

O quilombo de São Miguel está localizado no município de Restinga Seca, região central do Rio Grande do Sul, localizado na região Sul do Brasil. Nela, três religiões são praticadas: a católica, o candomblé e a protestante pentecostal.

O catolicismo está presente desde a época da fundação da comunidade por causa de Ismael, o fundador do quilombo. Ismael foi uma grande liderança religiosa na região. A festa do Divino Espírito Santo é a festividade que não é rezada, mas sim cantada e uma das que mais se manteve viva no cotidiano dos moradores de São Miguel, sendo transmitida de geração em geração pelos moradores mais idosos. E sendo hoje, uma das poucas festividades na qual todos os moradores participam.

Já o candomblé vem sendo praticado há muito tempo. A primeira mãe de santo do grupo é Dona Eleonir. Conhecida como Mãe Toti, Eleonir. De acordo com suas histórias, ela viria a se converter ao candomblé devido ao sofrimento de, por alguns anos, ter sido incomodada por um espírito. Após visitar um terreiro, teria encontrado ajuda e a cura para o seu problema. Muitos de seus conhecimentos foram adquiridos através da convivência com a Vó China.

Na década de 1990, a religião protestante pentecostal Evangelho Quadrangular começa a se difundir entre os membros da comunidade e hoje a religião possui muitos adeptos entre os moradores do quilombo. Atualmente, pessoas de vários municípios do Rio Grande do Sul viajam ao terreiro de Dona Eleonir, uma curandeira para problemas físicos e espirituais.

4.3. COMUNIDADE QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

A comunidade quilombola Conceição das Crioulas é uma comunidade pernambucana que está localizada no município de Salgueiro, no sertão do nosso estado, a cerca de 550 quilômetros Recife. É uma comunidade bastante antiga, seus moradores dizem que data do início do século XIX.

Segundo a história da comunidade, ela teria recebido este nome devido à chegada de seis crioulas que foram guiadas por um escravo fugitivo. No local, já moravam índios



Atikum, porém, a convivência entre os índios e os escravos foi pacífica e lá puderam se fixar. O escravo Francisco José de Sá, quem guiou as crioulas, trouxe consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. No local, fora construída uma capela e nela colocada a imagem, por isso o nome da comunidade é Conceição das Crioulas.

Hoje, a comunidade conta com 16 núcleos populacionais e aproximadamente 750 famílias. Desde cedo (1987) seus moradores se unem para lutar por seus direitos e por uma qualidade de vida melhor. A motivação por esta luta veio dos textos bíblicos trazidos pelas freiras carmelitas, quando estas passavam em missão por Salgueiro.

A comunidade firmou-se como comunidade eclesial e começou a participar da Pastoral Rural, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro e do Partido dos Trabalhadores e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais.

Já na década de noventa, fazem contatos com o Movimento Negro Unificado, participam do I Encontro dos Negros do Sertão e se filiam ao Centro de Cultura Luiz Freire, (ONG de Olinda-PE). Em 2000, é inaugurada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), que hoje sedia também a Comissão de Articulação Estadual das Comunidades Quilombolas de Pernambuco.

Atualmente, há na comunidade projetos desenvolvimento da comunidade, fortalecimento de sua organização política, preservação de sua identidade étnica e cultural, de educação diferenciada nos quilombos e de inovações das técnicas do trabalho rural e com artesanato.

5. PROJETOS FEITOS PARA ALGUMAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

5.1. CACIMBINHA E BOA ESPERANÇA (ES)

A empresa mineradora Ferrous, está desenvolvendo um plano de construção de um porto e de uma linha férrea onde as comunidades se localizam, para isso a empresa em parceria com as comunidades realiza projetos de desenvolvimento social para que as comunidades possam ter uma estrutura básica apropriada, como a alfabetização de jovens e adultos, realizações de grupos culturais e reforma de sua estrutura social (ruas, energia,



saneamento básico) criando inclusive vídeos do projeto para o conhecimento nacional e o incentivo a preservação cultural, religiosa e social.

5.2. PROGRAMA VALE DO RIBEIRA

O programa do Vale do Ribeira tem como objetivo desenvolver um projeto de prática ambiental e de desenvolvimento sustentável na região que hoje é a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira, essa Bacia possui hoje 53 comunidades quilombolas remanescentes e nelas o projeto visa mostrar, ensinar e desenvolver as políticas de uso sustentável como a agricultura e a matéria prima local.

Este projeto objetiva apoiar o desenvolvimento educacional e cultural nas comunidades quilombolas em cinco frentes: apoio aos jovens quilombolas que ingressaram no curso superior; implantação de tele-centros nas comunidades quilombolas; inventário de referências culturais quilombolas; apoio à gestão do site quilombola nas comunidades e o fortalecimento das sementes tradicionais quilombolas.

Com relação a este último item, duas feiras de troca de sementes e mudas entre as comunidades quilombolas foram realizadas. A primeira, no final de 2008 e a segunda em julho de 2009.

O Inventário de referências culturais quilombolas vem sendo desenvolvido junto a 16 comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, realizando o levantamento de seus bens culturais por meio da aplicação da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), desenvolvido no âmbito do plano de salvaguarda do patrimônio imaterial.

Por conta desse projeto, o ISA firmou um termo de parceria com o Ministério da Justiça por meio da Secretaria de Direito Econômico, cujo objetivo é promover de forma participativa a salvaguarda e o fomento ao patrimônio cultural dessas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira.

6. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA ATUALIDADE



Embora a escravidão no Brasil tenha chegado ao fim no século XIX, existem, ainda, nos dias atuais cerca de seis mil comunidades quilombolas espalhadas pelo território Brasileiro. E quase todas elas lutam pelo direito à propriedade de suas terras. Poucas possuem projetos eficientes de infra-estrutura social.

A idéia geral do governo brasileiro é conseguir desenvolver projetos que permitam, ao mesmo tempo, a preservação das comunidades, a restauração dos costumes, o desenvolvimento cultural (com a criação de grupos de dança, música e artesanato são incentivados e o incentivo de exibição destes tanto nacional quanto internacionalmente) e melhorar a agricultura, já que é esta a principal atividade rentável das comunidades.

7. CONCLUSÃO

As comunidades quilombolas são uma expressão viva do nosso passado, de um passado que, talvez não tenha sido tão glorioso, pois não há nada de louvável em escravizar pessoas, porém, elas fazem parte da nossa história. O que se pode avaliar é a questão da preservação de um dos ícones culturais do país, os quilombolas e suas descendências são parte do livro da vida do Brasil e é necessário que sua memória, costumes e tradições sejam preservadas.

Trazidos da África ou nascidos aqui, a verdade é que estas pessoas, os primeiros formadores das comunidades de quilombos, estavam fugindo da morte e do sofrimento e, por isso, tentaram criar um ambiente onde não houvesse esta dor, o medo dos castigos, a ausência de liberdade.

Os quilombolas conseguiram, a partir de lendas e histórias, preservar sua imagem e agora é preciso que não deixemos toda esta riqueza cultural se perder. É necessário que sejam feitas parcerias entre entidades públicas e as comunidades, entre cidadãos, para que a história possa continuar a ser contada.

REFERENCIAS

Endereços eletrônicos

<http://www.cpisp.org.br/comunidades/>

http://www.mda.gov.br/portal/aegre/programas/lt_Comunidades_Quilombol

<http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/povosecomunidadestradicionais/quilombolas>

<http://to.gov.br/m/comunidades-quilombolas/759>

Livros, artigos e dissertações

CARNEIRO, Edson. O quilombo dos Palmares. São Paulo: Nacional, 1958.

FREITAS, Décio. Palmares. A guerra dos escravos. Porto Alegre: Movimento, 1973.

Comunidades quilombolas brasileiras: regularização fundiária e políticas públicas.

Brasil, Secretaria especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial 2007

Quilombolas: subsídios para uma pesquisa

Biblioteca Pública Estadual Presidente Castello Branco Recife : CEPE], 2008.

CARNEIRO, Edson. O quilombo dos Palmares. São Paulo: Nacional, 1958.

FREITAS, Décio. Palmares. A guerra dos escravos. Porto Alegre: Movimento, 1973.

ANEXOS



Comunidade quilombola no Maranhão.



Casas típicas de comunidades quilombolas.



Manifestação artística para divulgar a cultura das comunidades quilombolas.





Atividade religiosa em comunidade quilombola.



Quilombolas plantando. A agricultura é sua principal fonte de renda.



Manifestação de quilombolas por suas terras.



